

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Santa Mônica**

código  
**AIII - FO6 - Val**

localização  
**Estrada VL-39, 2º distrito, Barão de Juparanã**

município  
**Valença**

época de construção  
**séc. XIX**

detalhamento do estado de conservação  
**no corpo da ficha**

uso atual / original  
**institucional (Embrapa - Campo Experimental Santa Mônica) / faz. de café**

proteção existente / proposta  
**tombamento IPHAN / -**

proprietário  
**governo federal (Ministério da Agricultura)**



## situação e ambiência

A Fazenda Santa Mônica dista cerca de 2km da localidade de Barão de Juparanã, com acesso pela Rodovia RJ-115, que liga este 2º distrito valenciano à cidade de Vassouras. Próxima ao antigo Asilo Monte Cylene, encontra-se uma bifurcação com estrada de terra, que leva à propriedade, havendo, próxima a casa-sede, outra bifurcação cuja via à direita leva ao patamar mais alto, onde está instalada a Embrapa. Seguindo pelo outro ramal, chega-se à atual portada de acesso ao solar e à sua área envoltória (f.04).



01



04



40

coordenador / data  
equipe  
histórico

**Branca R.Figueira e Annibal Affonso M. da Silva - out 2007**  
**Mauro Reis e Rita de Fátima**  
**Adriano Novaes**

revisão / data  
**Alberto Taveira - fev 2008**

Sua geografia é formada pelos morros meia laranja, típicos da região, totalmente tomados por pastagem. Abaixo da propriedade corre o rio Paraíba do Sul, cortado por uma ponte em curva, parte da rodovia RJ-115, e pela estrada de ferro que liga os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais (f.02).

A casa-sede volta-se para um grande platô onde, originalmente, ficavam as construções de apoio (f.57). Muitas delas existiam até o terceiro quartel do século XX, conforme mostra a imagem 58. Ainda é possível avistar algumas estruturas que, segundo o Sr. Marcos Junqueira, responsável pelo Campo Experimental Fazenda Santa Mônica, eram das senzalas (f.06 e 14).

Atualmente esses espaços estão vazios, ocupados por poucas construções, todas recentes e de escala menor. Fronteiro à fachada principal, fica um jardim gramado, com pequenas vias de pedestres que se cruzam, formando linhas geométricas. Nele há palmeiras imperiais e árvores de médio e grande porte (f.12, 13, 14 e 16).

A implantação do conjunto é marcada pelo escalonamento do terreno, com muros de contenção de pedra a quase 90° (f.59). Eles ficam paralelos à fachada lateral esquerda da casa-sede, o primeiro com altura que chega a mais de 5m, sendo acessados por uma escadaria (f.07, 08 e 09) que chega a um patamar intermediário, possivelmente um antigo terreiro de café (f.10). Mais ao alto, fica o último nível de platô, com um galpão de estrutura metálica à frente e, aos fundos, o bloco horizontal, ocupado em parte pela Embrapa (f.10 e 11). As canaletas que conduziam água para o complexo da fazenda passam atrás deste bloco.

Uma particularidade da fazenda, atualmente, é a de manter seu acesso principal pelos fundos da casa-sede, com uma portada de cada lado – a da esquerda não está sendo utilizada (f.04 e 05). Essa nova disposição parece ser fruto da sucessão dos ciclos históricos e econômicos, pois, ela pode ter sido construída voltada para uma estrada primitiva e, com o posterior crescimento da localidade de Barão de Juparanã, alavancado pelo advento da ferrovia e pelo próprio enfraquecimento econômico e social da produção cafeeira, teve sua implantação adaptada às modificações ditadas pelo tempo.



02



05



06



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16

O solar se caracteriza pelo seu avantajado porte. Sua massa construída ao rés do chão forma um imenso bloco em “U”, com um pátio aberto aos fundos, coberto por um gramado. A construção tem o pavimento inferior com espessas paredes em alvenaria de pedra. O pavimento superior é estruturado por um tramado de madeira (barrotes, pilares, madres e frechais) vedado por paredes mais finas, feitas de pau-a-pique. O alpendre frontal foi construído posteriormente, em estrutura metálica.

Sua arquitetura segue os ditames da composição neoclássica, adaptada à especificidade material e de mão-de-obra rural. Apresenta vãos de esquadrias ritmados e simétricos, alinhados em ambos os pavimentos, a sua maioria acrescida, na parte externa, de folhas de veneziana.

Uma cimalha em argamassa, com formas emolduradas, arrematada por capitéis nas extremidades, corre todo o prédio (f.21 e 43). No alpendre frontal há caibros assentados à moda dos antigos beirais encachorrados (f.01).

A entrada é marcada por três portas, ao centro da composição. A principal tem verga em arco abatido, com cercaduras e esquadria de duas folhas pintadas de azul (f.38) e leva à escadaria existente no núcleo da casa. Este acesso fica coberto por uma varanda, que está sustentada por quatro esbeltas colunas metálicas e tem, na parte superior, um gradil em rendilhado de ferro fundido e três portas em verga reta alinhadas com as de baixo (f.01 38 e 48). Todos os vãos externos, à exceção deste principal, apresentam vergas retas.



38



39



40



41



42

Na fachada frontal ficam outras portas, possivelmente para atender aos antigos usos. Nestes compartimentos frontais os pisos são de ladrilho hidráulico, com o forro original em saia e camisa. À esquerda ficam quatro portas, sendo uma de maiores proporções, que deveria servir de acesso para a capela que existia naquele trecho e abrangia os dois pavimentos.

Das portas internas, talvez as que mais se destacam sejam as que se voltam ao *hall* de entrada – que possui piso hidráulico (f.47 e 55), escada curvilínea (f.47), pintura em fingimento (f.56) e clarabóia na cobertura, sobre a escada principal (f.33). Elas possuem verga em arco abatido e seus marcos verticais estilizam pilastras caneluradas encimadas por capitéis jônicos. Bandeiras vazadas, em gradil de ferro rendilhado, guardam a inscrição das iniciais “MB” (Marquês de Baependi). Folhas de abrir com madeira almofadada na base e parte superior em caixilhos de vidro guarnecem estes vãos (f.45 e 46).

As portas do pavimento superior, voltadas para a varanda, possuem folhas de abrir externas em veneziana e são pintadas na cor azul (f. 01, 12 e 38). As demais portas externas mantêm a mesma conformação, porém, com folhas de abrir em madeira cega (f.01, 12, 38 e 42).

As janelas do pavimento inferior (exceto fachada frontal) apresentam vergas retas, folhas de abrir em madeira cega sendo pintadas na cor azul (f.35, 36, 40 e 41). No pavimento superior e na fachada principal do pavimento inferior mantêm vergas retas, folhas de abrir externas em veneziana, folhas de abrir internas em madeira cega, sendo pintadas na cor azul, com guilhotinas na cor branca (f.07, 19, 22 e 42).

Destaque para o cômodo fechado, ao lado direito da escada. Segundo informações do Sr. Marcos Monteiro (chefe da Embrapa local), foi possível uma visão do mesmo através da abertura de uma régua do piso no pavimento superior (f.45), acredita ele que a escada original foi substituída, fechando este vão e mudando o layout, o que explica a outra porta geminada do *hall* não levar a nenhum lance de escada (f.45).

A casa mantém outros acessos e o que mais se destaca é o da lateral direita, no qual dois vãos de portas com folhas de abrir fecham um amplo compartimento que parece ter sido a garagem das carruagens. Além da principal, a casa possui mais seis escadas, que levam a diferentes partes do pavimento superior (f.51 e 53).

Por estar subutilizado, não foi possível descrever com segurança o uso dos compartimentos. Percebe-se, porém, que a varanda é obra posterior, pelo material utilizado na estrutura (ferro fundido) e no piso (laje e ladrilho hidráulico).

Atualmente, a única transformação visível são os banheiros, instalados no pavimento superior e no inferior.



43



44



45



46



47



48



49



50



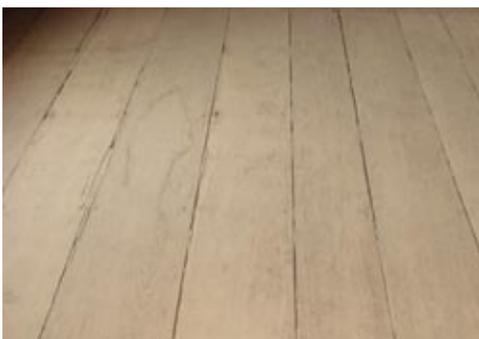
51



52



53



54



55



56

O bloco lateral esquerdo não foi visitado, por estar sendo ocupado por estudantes.

As instalações hidráulicas e sanitárias são aparentes num dos compartimentos do pavimento inferior (f.28 e 31). As instalações elétricas correm presas aos barrotes no pavimento inferior, sem a proteção de condutos (f.31).

Trincas afloram em certos trechos das fachadas, em pequena escala (f.17), aparecendo no bloco direito no cunhal da fachada dos fundos com a lateral direita (f.18).

O assoalho do pavimento inferior conjuga piso de tijolo queimado e ladrilho hidráulico (estes nas áreas mais nobres). Mesmo com recalques em algumas partes, apresentam-se em bom estado de conservação (f.47 e 55). O piso do pavimento superior é em madeira, no sistema de encaixe macho e fêmea, com réguas largas, em grande parte dos compartimentos, em bom estado (f.50 a 54). O alpendre possui piso de ladrilho hidráulico.

No pavimento inferior, na parte frontal, há forro de madeira com sistema de encaixe saia e camisa (f.34, 45 e 46). O restante da casa utiliza o próprio piso do pavimento superior como forro (f.31). No pavimento superior, forros em madeira, sistema de encaixe macho e fêmea, com réguas finas, deterioradas nas partes tomadas por umidade ou goteiras (f.29, 30, 32 e 33).

Nos revestimento, há umidade ascendente em alguns pontos da base chapiscada, ocasionada pelos respingos do beiral (f.01). Apresentam em certos trechos lixiviação, descascamento e sujidade (f.17 a 22). Observou-se enxertos de argamassa de cimento no cunhal da fachada dos fundos com a lateral direita e abaixo de alguns vãos de janela (f.17 e 20).

O beiral mantém cimalha de argamassa, apresentando trechos em estado de desprendimento na fachada frontal (f.27) e de arruinamento na fachada dos fundos (f.22 a 25).

As esquadrias conjugam peças em boas condições (f.36), com outras em estado de degradação devido à pintura envelhecida (f.19, 20, 35 e 44). O umbral de uma das portas do acesso principal possui talho na madeira (f.34).

A fundação mantém base toda revestida com uma camada de chapisco grosso (f.01 e 18) e a casa é contornada por calçada em pedra de mão (f.01).

A vedação das paredes do pavimento inferior é feita em pedra externamente e, internamente, em alvenaria mista de tijolos de barro e pedra (f.37). No pavimento superior, as paredes são em pau-a-pique. Os acréscimos (banheiros) possuem paredes em tijolo furado. A pintura é feita à base de cal, interna e externamente, na maioria dos compartimentos.



17



18



19



20

A cobertura desenvolve-se em dez águas no bloco da casa-sede, mais três do alpendre frontal. Possui sete pára-raios e o telhado é feito com telha capa e canal, tradicionais das fazendas de café, em estado de novo, cobertas com pátina natural. Não foi possível acessar a estrutura da cobertura, que, entretanto, aparenta não possuir mais a trama original (f.33).

Alguns locais com o beiral destruído e telhas caindo – imagens 23 e 24.

O assoalho do pavimento superior está em bom estado de conservação (f.50 a 54).

O forro é executado em saia e camisa, estando em bom estado no pavimento inferior, porém, com pequenos orifícios apodrecidos. No pavimento superior apresenta estado de degradação nos locais atingidos por umidade descendente e goteiras (f.29, 30 e 32). No pavimento superior há forro em madeira de seção comercial (f.29, 30 e 32).

Pilares, madres, frechais, barrotes e escadas encontram-se em bom estado de conservação (f.31). Alguns contra-barrotes apresentam ataque por cupins.



21



22



23



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



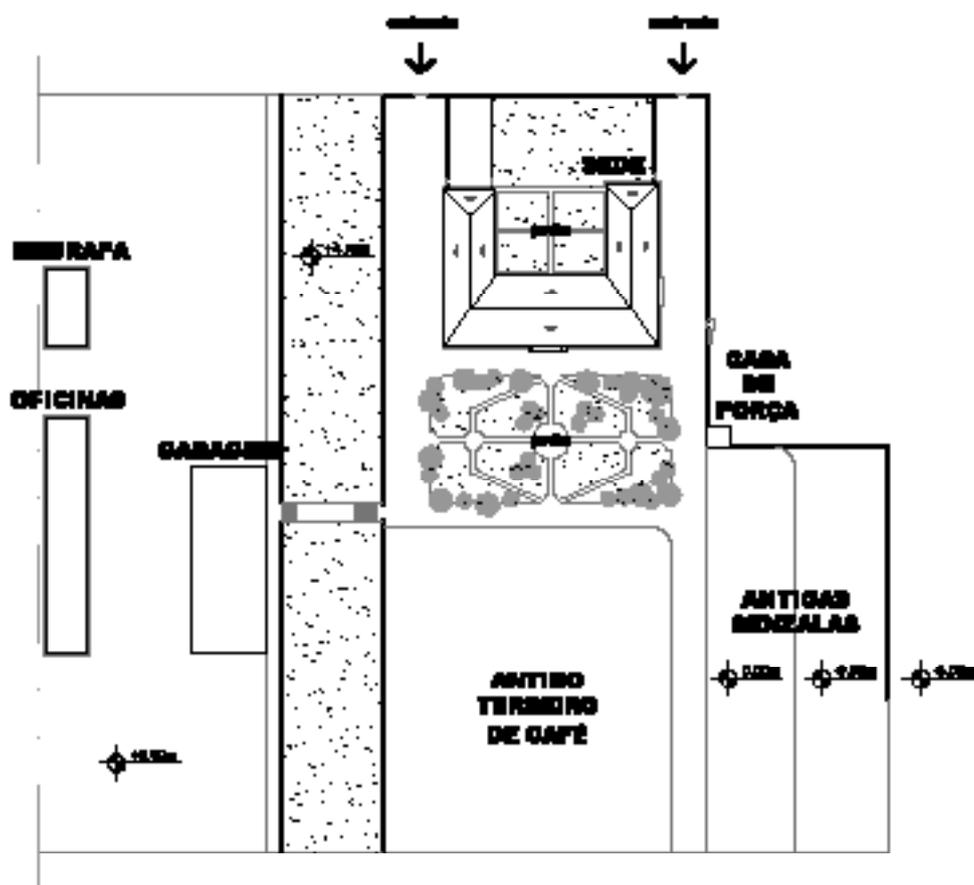
35



36



37



1 **FAZENDA SANTA MÔNICA**  
 Folha de Estudo escala: 1:2000



A história da Fazenda Santa Mônica começou com Manoel Jacintho Nogueira da Gama, o Marquês de Baependy. Mais especificamente, quando ele recebeu de D. João VI enormes extensões de terras pela margem esquerda do rio Paraíba do Sul. As terras da Fazenda Santa Mônica – assim denominada em homenagem à Marquesa de Baependy, Dona Francisca Mônica Carneiro da Costa e Gama – compreendiam as sesmarias de São Jacintho, concedida em 1814; parte da sesmaria de Santa Mônica, concedida também em 1814; e parte da sesmaria de São Bráz do Paraíso, concedida em 1792 e a mais antiga do Município de Valença.

O Marquês de Baependy e seus herdeiros cultivaram parte dessas terras através de três grandes fazendas: Santa Mônica, Santana e Paraíso, além dos sítios Papagaio e Desengano Feliz. Fizeram de Santa Mônica uma verdadeira empresa agrícola, onde trabalhavam quase 700 escravos, juntamente com feitores, capatazes e outros profissionais.

Quando da abdicação de D. Pedro I, em 1831, o Marquês exilou-se em Santa Mônica, período em que, provavelmente, deu início à construção do principesco solar, só inaugurado muito tempo depois.

Com seu casamento com Dona Francisca Mônica, em 1809, o Marquês foi admitido na seleta aristocracia fluminense. Dona Francisca era filha de um dos mais abastados e considerados negociantes da praça, Bráz Carneiro Leão, que falecera no ano anterior. Desta união nasceram três filhos: Bráz, futuro Conde de Baependy, Manoel Jacinto e Francisco Nicolau, que futuramente seriam os barões de Juparanã e de Santa Mônica, respectivamente.

Baependy faleceu em 1847 no Rio de Janeiro, deixando grande fortuna para a esposa e os filhos. No ano seguinte, hospedou-se na fazenda o imperador D. Pedro II, que aí esteve especialmente para prestar condolências à Marquesa, retornando à fazenda em 1865, 1876 e 1881.

Com a morte da Marquesa, em 1869, a Fazenda Santa Mônica foi herdada pelo filho Manoel Jacinto. Manoel Jacinto Carneiro Nogueira da Gama, o Barão de Juparanã, foi um grande amigo da Vila de Desengano (hoje Barão de Juparanã). À sua custa, foram construídas a Estação Ferroviária local, a Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio e a escola, além de outras benfeitorias. Antes de falecer, em 1876, deu liberdade a 56 de seus escravos. O Barão de Juparanã deixou Santa Mônica a seu irmão e sócio Francisco Nicolau, futuro Barão de Santa Mônica. Este era casado com a prima, Dona Luíza Loreto Vianna de Lima e Silva, filha do Duque de Caxias.

Nesta ocasião, o Duque de Caxias mudou-se para a Fazenda, a fim de exilar-se e tratar da saúde. Muito idoso, faleceu no dia 7 de maio de 1880, assistido pela querida filha. Logo após a morte do sogro, Francisco Nicolau atravessou grandes dificuldades com a derrocada do café. Sem alternativa, hipotecou, em 24 de novembro de 1884, a Fazenda e mais o Palacete do Duque de Caxias, na Tijuca, ao cunhado o Visconde de Ururay.

Após a morte do Barão de Santa Mônica, em 1885, os credores executam a hipoteca e a fazenda é transferida ao Banco do Brasil. Em 1912, é adquirida pelo Governo Federal, através do Ministério da Agricultura, em cuja posse mantém-se até os dias atuais.

Hoje denominada “Campo Experimental Fazenda Santa Mônica”, foi absorvida em 1975 pela Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), sendo vinculada ao CNPGL (Centro Nacional de Pesquisa Agropecuária de Gado Leiteiro). Possui uma área de reserva florestal e o restante é constituído, principalmente, de canaviais, capinzais e pastagens.

Esta fazenda é um bom exemplo do antológico casarão de grandes dimensões, revelando uma fase de transição entre o colonial e o neoclássico, na primeira metade do século XIX.

É uma das maiores casas de fazenda, com 3.048m<sup>2</sup>, 65 compartimentos, 97 janelas, 62 portas e cinco escadas internas. De suas janelas laterais, o seu proprietário, o Barão de Juparanã, avistava a monumental ponte da Estrada de Ferro D. Pedro II – financiada por ele –, sobre o rio Paraíba do Sul.

Fontes primárias:

Inventário do Barão de Juparanã, caixa 1586, ano: 1877. Museu da Justiça do Rio de Janeiro. A descrição de seus bens pode também ser conferida no livro de IÓRIO.

Livro Paroquial de Registro de Terras. Propriedade da Marquiza de Baependy. (Fazenda Santa Mônica). Registro feito em 16 de janeiro de 1856, no Livro 88, Valença. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Coleção RT.

Periódicos

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. O Almanak foi publicado anualmente pela Corte Real, entre 1844 e 1889. Relacionava os oficiais da Corte e dos ministérios.

Anuário do Museu Imperial. Diário de D. Pedro II - 1862. vol. XXVII, 1956.

BIBLIOGRAFIA

CALMON, Pedro. *Histórias de Minas e Memórias de Nogueira da Gama*. José Olympio Editora, Rio, 1985.

FERREIRA, Vieira desembargador. *Cachoeira e Porangaba - A Concessão de Sesmarias no Brasil e a Lavoura de Café nas Montanhas de Valença*. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Vol 213, 1951.

IÓRIO, Leoni. *Valença de Ontem e de Hoje*. Valença, Companhia Dias Cardoso, Juiz de Fora, 1952.

LAMEGO, Alberto. *O Homem e a Serra*. 2a edição, IBGE. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1963.

LEMOS, Marcelo Sant'Ana. *O índio virou pó de café? A resistência dos índios Coroados de Valença frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba (1788 – 1836)*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em História – UERJ – 2004.

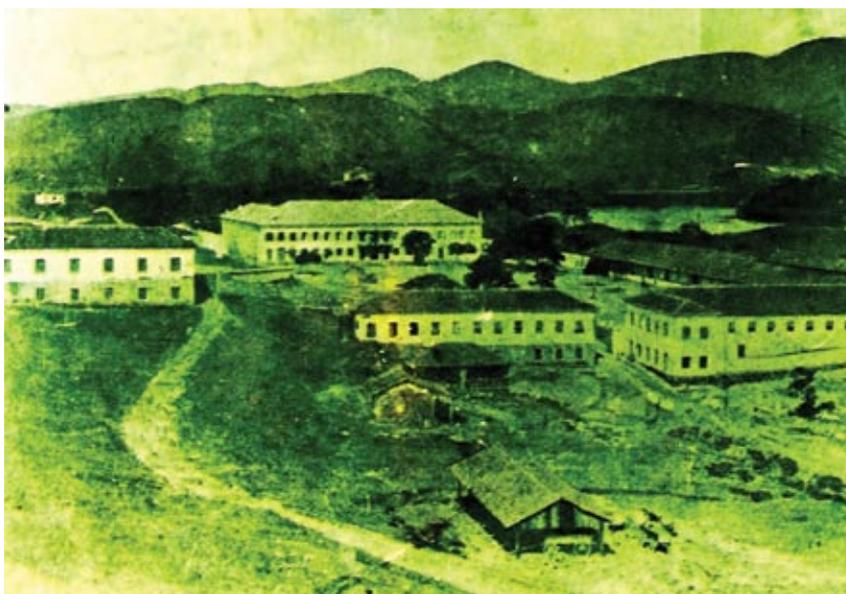


Imagem do século XIX, Fazenda Santa Mônica, do livro *Caxias*, de Afonso de Carvalho, Biblioteca do Exército, RJ, 1976.



Fonte: EMBRAPA

